Aula 5

OFICINA DE HISTÓRIA: ICONOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA

1. “Imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica”. Burke (2004, p. 17). “As imagens deixaram de ser meras ilustrações e tornaram-se tão importantes quanto os textos escritos”. Bustamante (2007, p. 240).
2. “A interpretação de imagens através de uma análise de detalhes tornou-se conhecida como ‘iconografia’. (...) “Como outras formas de evidência, imagens não foram criadas, pelo menos em sua grande maioria, tendo em mente os futuros historiadores. Seus criadores tinham suas próprias preocupações, suas próprias mensagens. A interpretação dessas mensagens é conhecida como ‘iconografia’ ou ‘iconologia’, termos algumas vezes utilizados como sinônimos, porém, em outras, distintos,..” Burke (2004, pp. 41, 43).
3. Independentemente da origem da imagem, o problema central que se apresenta para os professores é o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige, para que não se limite a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual”. Bittencourt (2004, pp. 360, 361).
4. “A ‘crítica da fonte’ de documentos escritos há muito tempo tornou-se uma parte essencial da qualificação dos historiadores. Em comparação, a crítica de evidência visual permanece pouco desenvolvida, embora o testemunho de imagens, como o dos textos, suscite problemas de contexto, função, retórica, recordação (se exercida pouco, ou muito, tempo depois do acontecimento), testemunho de segunda mão, etc. Daí porque certas imagens oferecem mais evidência confiável do que outras.” Burke (2004, p. 18).
5. É necessário levar em conta mudanças no tipo de imagem disponível em lugares e épocas específicos, e especialmente duas revoluções na produção de imagens, o surgimento da imagem impressa (...) durante os séculos 15 e 16, o surgimento da imagem fotográfica (incluindo filme e televisão) nos séculos dezenove e vinte” Burke (2004, p. 21).
6. “Pode-se dizer que para os iconografistas, pinturas não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem ‘lidas’. Burke (2004, p. 44).
7. O método iconográfico distingue “três níveis de significado no próprio trabalho. O primeiro desses níveis era a descrição pré-iconográfica, voltada para o ‘significado natural’, consistindo na identificação de objetos (tais como árvores, prédios, animais e pessoas) e eventos (refeições, batalhas, procissões, etc.). O segundo nível era a análise iconográfica no sentido estrito, voltado para o ‘significado convencional’ (reconhecer uma ceia como a Última Ceia ou uma batalha com a Batalha de Waterloo).

O terceiro e principal nível, era o da interpretação iconológica, distinguia-se da iconografia pelo fato de se voltar para o ‘significado intrínseco’, em outras palavras, ‘os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica’. É nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, de fato indispensável,

para os historiadores culturais." Burke (2004. p. 45).
8. "Iconologia é uma 'tentativa de explicar representações no seu contexto histórico, em relação a outros fenômenos culturais". (...) Simplesmente um outro nome para a tentativa de ler imagens como expressões do 'espírito da época' (Zeitgeist)" . (...) "Um nativo australiano 'não poderia reconhecer o tema da Última Ceia; para ele essa cena apenas evocaria a idéia de um alegre jantar'. (...) Para interpretar a mensagem, é necessário familiarizar-se com os códigos culturais.

Da mesma forma, sem um conhecimento razoável da cultura clássica nós não conseguimos ler um grande número de pinturas ocidentais, reconhecer referências a incidentes da mitologia grega ou, digamos, da história romana." Burke (2004, p. 46).
9. - "As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo, a visão masculina das mulheres, a da classe média sobre os camponeses, a visão dos civis da guerra,e assim por diante. (...) Os historiadores (...) são confrontados com o problema de distinguir entre representações do típico e imagens do excêntrico." Burke (2004, p. 237).
- "O testemunho das imagens necessita ser colocado no 'contexto', ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material e assim por diante), incluindo as convenções artísticas para representar as crianças (por exemplo) em um determinado lugar e tempo, bem como os interesses do artista e do patrocinador original ou cliente, e a pretendida função da imagem." Burke (2004, p. 237).
- "Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais..." Burke (2004, p. 237).
- "No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos... (O bom Deus está no detalhe)." Burke (2004, p. 238).
10. "Assim, devemos procurar nos aproximar dos elementos básicos do fenômeno iconográfico e sua historicidade intrínseca. Fundamentos como tema, técnica, simbolismo, estrutura formal (noções de espaço, superfície, cor, luz, etc) e estilo devem ser apresentados de modo a proporcionar reflexões de cunho descritivo-formal e estético. Por sua vez, reflexões de cunho propriamente "histórico" questionarão a finalidade da confecção do objeto iconográfico, o que ele diz a respeito da cultura e da sociedade em que foi produzido, e de que maneira ele se manifesta como produto e expressão do trabalho e do gênio humano, em sua própria historicidade." Procedência da Imagem; Finalidade de uma Imagem; Tema ou assunto; Estrutura técnico-formal; Simbolismo. Ferraz (1998).

Procedência de uma imagem	Quem fez? Onde? Quando? Para quem? Onde ficou? Houve alguma forma de exposição pública? Como foi sua recepção? Como foi sua conservação? Qual era a posição do(s) autor(es) da imagem na sociedade? E do(s) seu(s) destinatário(s)? É assinada? É dedicada a alguém? Encontra-se alguma inscrição no corpo da imagem ou no verso (fotografia)?
Finalidade de uma imagem	Por que foi feita? Para quem? Sua finalidade foi bem sucedida? Seguiu um padrão anterior ou foi original? Qual sua importância para a sociedade em que se originou? Sua conservação atendeu aos desígnios de sua elaboração e confecção? Houve alteração posterior em sua forma e/ou conteúdo?
Tema ou Assunto	Qual o título? É um tema original ou seguiu modelo anterior? Existem temáticas secundárias? Como se articula(m) com a principal? Existem pessoas retratadas? Quem são? Quais são seus atributos? Que estão fazendo? Como se vestem? Existe alguma hierarquização no(s) tema(s)? Quais são os objetos retratados? Como eles aparecem? Qual sua função dentro do tema? Pertencem às pessoas retratadas? Quais os atributos da paisagem? Se relacionam com as pessoas retratadas? Se relacionam com os objetos retratados? Qual é tempo retratado (dia/noite; calor/frio; estação do ano; sol/claridade/névoa/chuva)? Existe indício de tempo histórico retratado? Que práticas sociais o conteúdo iconográfico é capaz de abordar?
Estrutura Técnico-Formal	Qual é o suporte (tela, parede, rocha, cartão, papel, chapa fotográfica, pôster, etc)? Quais foram as técnicas e os materiais utilizados? Houve inovação ou utilizou-se técnicas e/ou materiais conhecidos? Como se estrutura sua composição? Qual o papel desempenhado pela distribuição das cores, dos tons e das luminosidades? Existe alguma hierarquização formal? O aspecto formal intensifica ou enfraquece o entendimento temático? Qual o estilo adotado? Houve intenção de aproximação com a realidade? Existe alguma articulação entre o estilo e a sociedade retratada ou de procedência do autor?
Simbolismo	Existem simbolismos identificáveis? Quais são? Permitem várias interpretações? Havia condições para os coetâneos à imagem identificarem os simbolismos? O(s) autor(es) escreveu(eram) algo a respeito de possíveis interpretações da imagem? Como se articulam os simbolismos com o tema?

Ferraz (1998).

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.
BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e imagem. Baura**, SP: EDUSC, 2004.
BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Uma imagem vale mais que mil palavras. IN: **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas** / Ana Maria F. C. Monteiro, Arlette Medeiros Gasparello, Marcelo de Souza Magalhães, organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.
FERRAZ, Francisco Cesar Alves. GONÇALVES, Claudiomar Reis. **Iconografia e Ensino de História.** Boletim Informativo do Laboratório de Ensino de História. Ano 4, Nº 14, Outubro de 1998.